



Violência contra a mulher a partir da perspectiva de homens universitários em Manaus/AM

Eduardo A. Rebouças¹

Faculdade Metropolitana de Manaus

Raquel Wiggers²

Universidade Federal do Amazonas

Natã Souza Lima³

Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Dado que os números oficiais de violência contra a mulher vêm crescendo de forma alarmante nos últimos anos, é de extrema importância analisar esse fenômeno. Sendo assim, este estudo vem pautado nos referenciais de gênero, violência contra mulher e masculinidades, e tem por objetivo fazer uma análise sobre violência contra a mulher a partir da ótica masculina, observando o que os homens compartilham acerca, seja em suas falas ou ações. Possibilitando entender como o comportamento do homem interfere nas dinâmicas sociais e culturais do ambiente no qual se encontra. Dessa forma o objeto da pesquisa foram os homens jovens, de até 30 anos, graduandos das instituições FAMETRO e UFAM na cidade de Manaus. Consequentemente, a pesquisa insere-se nas discussões sobre violências cometidas contra mulheres, enfocando um eixo incomum nas análises de gênero. Logo, a partir da ótica masculina sobre a violência contra a mulher se desencadearam diversas categorias de análise, como: a construção do homem e sua posição nas relações de gênero, a naturalização da violência, a valoração da violência e a manifestação de diversas formas de violência. Analisando como a violência ocorre para os homens graduandos, a pesquisa dá respaldo para reflexões acerca do combate e da prevenção de violências de gênero e novas formas de masculinidades.

Palavras-chave

Violência contra a mulher. Gênero. Masculinidades. Homens.

1. Graduado em Psicologia pela FAMETRO e pesquisador do Núcleo Azulilás.

2. Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, professora associada do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM e coordenadora do Núcleo Azulilás.

3. Doutor em Antropologia Social pela UFAM, pesquisador do Azulilás.

Violence against women from the perspective of university men in Manaus/AM

Abstract: Given that the official numbers of violence against women have been growing alarmingly in recent years, it is extremely important to analyze this phenomenon. Thus, this study is based on the references of gender, violence against women and masculinities, and aims to make an analysis of violence against women from the male perspective, observing what men share about, whether in their lines or actions. Making it possible to understand how man's behavior interferes with the social and cultural dynamics of the environment in which he finds himself. Therefore, the object of the research were young men, up to 30 years, graduates of the institutions FAMETRO and UFAM in the city of Manaus. Consequently, the research is part of the discussions about violence committed against women, focusing on an unusual axis in gender analysis. As a result, from the male perspective on violence against women triggered several categories of analysis, such as: the construction of man and his position in gender relations, the naturalization of violence, the valuation of violence, and the manifestation of various forms of violence. Analyzing how violence occurs among male undergraduates, the research supports reflections on combating and preventing gender-based violence and new forms of masculinity.

Keywords: Violence against women. Gender. Masculinities. Men.

Violencia contra la mujer desde la perspectiva de hombres universitarios en Manaus/AM

Resumen: Dado que las cifras oficiales de violencia contra la mujer han ido creciendo de forma alarmante en los últimos años, es de suma importancia analizar este fenómeno. Siendo así este estudio viene pautado en los referenciales de género, violencia contra mujer y masculinidades, y tiene por objetivo hacer un análisis sobre violencia contra la mujer a partir de la óptica masculina, observando lo que los hombres comparten acerca, sea en sus hablas o acciones. Posibilitando entender cómo el comportamiento del hombre interfiere en las dinámicas sociales y culturales del ambiente en el que se encuentra. De esta manera el objeto de la investigación fueron los hombres jóvenes, de hasta 30 años, graduados de las instituciones FAMETRO y UFAM en la ciudad de Manaus. Consecuentemente, la investigación se inserta en las discusiones sobre violencias cometidas contra mujeres, enfocando un eje inusual en los análisis de género. Luego, a partir de la óptica masculina sobre la violencia contra la mujer se desencadenó diversas categorías de análisis, como: la construcción del hombre y su posición en las relaciones de género, la naturalización de la violencia, la valoración de la violencia, y la manifestación de diversas formas de violencia. Al analizar cómo ocurre la violencia entre estudiantes universitarios varones, la investigación apoya reflexiones sobre la lucha y la prevención de la violencia de género y las nuevas formas de masculinidad.

Palabras clave: Violencia contra la mujer. Género. Masculinidades. Hombres.

Introdução

[...] as violências masculinas foram cada vez mais reprovadas, a sua legitimidade cada vez mais reduzida, o seu campo alargado e as condenações mais frequentes e mais severas. Porém, não somente elas existem ainda, mas se tem as vezes a impressão de que elas jamais foram tão numerosas (Virgili, 2013, p. 112).

A pesquisa que deu origem a este artigo foi desenvolvida com homens universitários graduandos em Manaus/AM, partindo do objetivo geral de analisar as concepções que estes homens compartilhavam a respeito de gênero e violência contra a

mulher. E com objetivos específicos de elencar os conceitos apresentados pelos jovens do que seja gênero e violência contra a mulher; analisar como esses jovens julgam casos e conteúdos que envolvam violência contra mulher; e investigar como eles vivenciam suas relações entre gêneros, especificamente com mulheres. Nosso interesse no tema se deu pelo fato de observar o constante aumento da violência contra mulheres e querer obter respostas do porquê homens continuam a manifestar violências de gênero, mesmo diante de um aumento nas denúncias e da expansão dos espaços de discussão sobre o assunto, tanto em esferas públicas quanto privadas, nos últimos anos, ainda persistem desafios significativos que demandam atenção contínua. Observamos ainda que, frequentemente, tais atos de violência continuam sendo trivializados ou desconsiderados, inclusive no contexto universitário, que é um espaço no qual estamos inseridos e presenciando as mais diversas formas de violências.

Trazendo números para a discussão, no ano de 2022, o Brasil enfrentou um número alarmante de violência contra mulheres, com 74.930 casos de estupro e 1.437 casos de feminicídio registrados. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), esses números representam as piores estatísticas dos últimos anos. A região Norte apresentou os maiores aumentos, destacando-se o Amazonas com 37,3%, Roraima com 28,1%, Acre com 24,4% e Pará com 23,5% de crescimento nos casos. Em 2022, no Amazonas, observou-se um aumento de 6,1% nos casos de feminicídio. Os homicídios dolosos de mulheres também subiram 1,2%. A violência doméstica aumentou 2,9%, totalizando 245.713 ocorrências. Os registros de assédio sexual cresceram 49,7%, somando 6.114 casos, e os de importunação sexual aumentaram 37%, com 27.530 casos. No âmbito universitário, de acordo com o Boletim ADUA, por Melo (2019), a UFAM⁴ registrou mais de 150 denúncias de assédio moral e sexual contra mulheres nos últimos cinco anos. Isso sem levar em consideração os diversos casos nos quais as mulheres que sofrem violência não expõem a agressão.

Em *Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*, Machado (2004) evidencia que muito se pode discutir sobre as masculinidades e sua relação com a violência contra mulheres, e sabendo disso buscamos analisar como os homens, em seu universo masculino⁵, fazem a valoração e a manifestação da violência, uma vez que “homens e mulheres concebem como violência atitudes diferentes, e percebem-na de forma diferente.” (Wiggers, 2000, p. 92).

4. UFAM – Universidade Federal do Amazonas.

5. Utilizamos “universo masculino” para representar os pontos em comum, entre as masculinidades, dos homens estudados, a subjetividade do que é ser homem, levando em consideração a dimensão social e histórica como bem pontua Claudia Fonseca no texto: Quando cada caso NÃO é um caso, de 1999.

Consideramos que para tratar de representações de homens universitários graduandos sobre violência contra mulher faz-se necessário resgatar uma discussão sobre masculinidades. Connel (1995), no clássico “Políticas da masculinidade”, elucida a definição que as masculinidades são as diversas manifestações de “ser homem” que são formadas nas interações sociais e nas relações de gênero, deixando claro que essas relações são bem amplas, colocando ainda que várias masculinidades são construídas em um mesmo contexto social. Assim pode-se perceber a dimensão ampla de modelos de masculinidades. Estas categorias se entrecruzam na tessitura da vida cotidiana e são separadas para fins de estudos de masculinidades, o que nos permite observar a grande dimensão de modelos de masculinidades possíveis e a fluidez destas categorias nos estudos antropológicos.

A partir dessas noções de abordagens e categorização, Connel (1995) argumenta que as diversas formas de masculinidades vão seguir um caminho de duas vias, ou seja, dois modelos, a masculinidade hegemônica e as masculinidades subalternas que englobam todas as demais masculinidades. Assim, atualizando a ideia em *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito* Connell e Messerschmidt (2013) entendem como masculinidade hegemônica o padrão normativo do modelo masculino social que alcança sua ascendência através da cultura, já as subalternas sendo todas as diferentes formas, modelos e expressões corporais na mesma cultura.

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível, na prática e de forma consistente e inalterada, por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial (Almeida, 1996, n.p.).

Dito isso, Gutmann (1999) descreve que há quatro formas de abordar a categoria de masculinidades, temos as noções relativas à identidade masculina; a própria noção de “masculinidade”; a virilidade; e os papéis masculinos. O autor salienta que nos estudos de masculinidades são utilizados mais de um desses conceitos, ou todos eles de forma entrelaçada, como é o caso aqui.

Dessa forma a pesquisa foi realizada com homens jovens, de até 30 anos, graduandos das instituições FAMETRO⁶ e Universidade Federal do Amazonas – UFAM – na cidade de Manaus. Foram utilizados três recursos metodológicos, que juntos, esses formaram um conjunto mais que satisfatório de ferramentas que permitiram uma investigação ampla das concepções de gênero e violência contra a mulher entre homens

6. FAMETRO – Centro Universitário FAMETRO é uma faculdade particular de Manaus.

jovens universitários graduandos em Manaus. Os recursos utilizados foram: grupo focal, questionário on-line com reação às fotografias e entrevistas. Assim, as etapas da pesquisa de campo foram organizadas nesta mesma ordem.

O grupo focal

O grupo focal foi escolhido por sua eficácia em capturar a dinâmica de grupo e as representações sociais compartilhadas, permitindo uma discussão aberta e reflexiva sobre masculinidade e violência. Foi realizado com 6 homens jovens universitários, convidados a partir da rede de colegas de Rebouças, uma sala da UFAM foi reservada e preparada as cadeiras em volta de uma grande mesa. Gravadores estavam dispostos ao longo de toda a mesa, para que as vozes de todos os participantes pudessem ser gravadas.

Nessa metodologia são convidadas pessoas com perfis semelhantes, com respeito à questão de pesquisa que será posta a discussão. Com grupo focal podemos acessar ideias, representações, lógicas compartilhadas pelo grupo que se forma a partir da chamada para participar do grupo focal.

As perguntas realizadas no grupo focal foram: o que é ser homem para você?; quais vantagens e desvantagens em ser homem?; o que você entende por essa música? (música: Bandida – Mc Livinho part. Péricles); e por fim vocês já vivenciaram violência contra mulher?

Questionário on-line com reação às imagens

A partir das falas dos participantes no grupo focal, elaboramos categorias orientadoras para a segunda parte da pesquisa, os questionários on-line. Essas categorias foram: exercitar a masculinidade hegemônica, difamação da mulher, naturalização da violência, violência conjugal e familiar, poder do homem e violência como resolução.

Nessa etapa da pesquisa nos inspiramos na dissertação de mestrado de Luiz Fernando Cardoso (1994), em que foram usadas fotografias e imagens para obter respostas sobre o tema pesquisado. A pesquisa de Cardoso foi feita antes de haver os recursos tecnológicos que temos hoje, então o autor utilizou imagens impressas e anotava as reações manifestadas sobre as imagens. Esta abordagem permitiu uma análise quantitativa das percepções predominantes entre esses homens.

Da mesma forma fizemos na atual pesquisa, no entanto com recurso da ferramenta Google Forms. O questionário desenvolvido pelos pesquisadores consistiu na seleção de cinquenta imagens, dez para cada categoria, citadas anteriormente, que dizem

respeito a violência contra mulheres e masculinidades. Para cada uma das categorias de imagens foi proposta uma pergunta fechada onde os homens puderam responder somente sim ou não. Obtivemos um total de 115 respostas.

Entrevistas semiestruturadas

Por fim, as entrevistas semiestruturadas proporcionaram uma captação mais profunda nas experiências individuais e nas nuances das opiniões dos participantes, complementando os dados coletados e enriquecendo a discussão.

Nesta etapa, foram entrevistados alguns jovens homens para aprofundar questões que surgiram durante as duas etapas anteriores da pesquisa. Baseada nas mesmas perguntas do grupo focal, onde apenas a terceira pergunta, que representava a música, foi trocada pela seguinte pergunta: O que você entende por violência contra mulher? Diante disso, foram entrevistados por Rebouças 12 homens e nesse artigo organizamos, agrupamos e rearranjamos as falas dos jovens para que dessem coerência ao texto. As entrevistas semiestruturadas foram transcritas conforme as narrativas postas neste artigo, constando expressões como gírias etc.

1 Construção das masculinidades entre os universitários em Manaus

Tanto nas entrevistas quanto no grupo focal seguimos um questionário aberto onde a primeira pergunta feita aos jovens foi: “O que é ser homem pra você?”, eles respondem a essa pergunta com referência ao que aprenderam e ouviram quando crianças e adolescentes pelos membros da família, parecem ter internalizado um conceito no qual o homem é o sujeito “responsável” pela família, o “provedor” e o “ativo”, este processo nos remete a Saffioti (1987; 2004) e o sistema de dominação patriarcal citado pela autora⁷, onde os homens crescem com a ideia de que tem um papel a assumir na sociedade, e esse papel está relacionado a se ocupar de uma posição que visa manter esse determinado sistema. Ao mesmo tempo, ir contra o que é considerado “feminino” seria outro conceito para ser homem. Abaixo algumas falas dos jovens entrevistados:

“É ser o principal na família [...] aquele que é sempre dominante”.

“Desde que eu era criança eu cresci com meu avô ouvindo que ser homem não era só: eu sou forte, eu mando na casa, era ter um papel de responsável pela família.

7. O patriarcado para Saffioti é sistema que está presente em todas as dimensões sociais, se inicia a partir da naturalização do “espaço da mulher” e da “dominação do homem”, fazendo dessa forma a construção feminina com aceitação de inferioridade, e a masculina com o domínio do poder.

Homem é o que fala mais alto, o que bate mais forte, o que peita diretamente, o papel de homem é aquele que mostra mais poder”.

“É uma pessoa que tem uma participação importante na família, digamos, ele é o provedor principal”.

“Ser um sexo que tem iniciativa, um sexo que tem um papel com a mulher, um direito de proteger, foi isso que aprendi”.

“Pelo que eu vejo [...] uma pessoa isenta do que chamam de frescura”.

Importante salientar que, após responderem a esta pergunta no grupo focal, grande parte desses homens relataram que não concordavam com o que aprenderam ou ouviram, mas durante a aplicação do questionário on-line observamos uma influência de modelos viris e hegemônicos na construção das masculinidades desses jovens.

Em contrapartida, no questionário on-line, para a pergunta “As imagens a seguir representam o comportamento do homem na sociedade atual?”, obtivemos respostas que comprovam esse argumento. Em uma das figuras que representa a construção do corpo masculino como fonte de força, ideia que é transmitida aos meninos desde muito novos, há duas crianças realizando poses do fisiculturismo exibindo músculos. Nesta imagem obtivemos 74,3% de respostas concordando que ela representa um comportamento masculino. Já outra figura representa os brinquedos infantis direcionados aos meninos, como armas. Nesta imagem obtivemos 80,9% de respostas concordando que ela representa um comportamento masculino.

A partir desses dados, observamos que os jovens participantes da pesquisa iniciam a tentativa de incorporação social de uma masculinidade hegemônica, onde a força física e a posse de armas, por exemplo, representam atributos masculinos e estão ligados ao poder. Isso remete ao ensaio de Scott (2017) em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, que apresenta o gênero como uma forma primária de relações de poder, no qual historicamente e simbolicamente o masculino busca ter o domínio nas relações entre homens e mulheres.

Seguindo nossa análise no questionário on-line, entre outras duas imagens para a mesma pergunta obtivemos resultados semelhantes. Observamos que 75,4% dos participantes associaram uma das imagens a comportamentos masculinos, enquanto 70,2% concordaram com essa associação em outra imagem. A primeira imagem fazia referência ao número 24, representado em uma vela de aniversário, o número que no jogo do bicho simboliza o veado e é frequentemente associado à homossexualidade na cultura popular. Para evitar essa associação, um jovem completando 24 anos poderia optar por uma vela marcada como 23+1, como ilustrado na imagem. A segunda imagem citada mostra um atleta utilizando um balde para elevar sua altura acima de uma repórter feminina, evitando assim aparecer mais baixo que uma mulher.

Urra (2014), em seu texto *Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência*, descreve que nós não vemos um modelo de masculinidade abertamente violento sendo construído em nossa sociedade atual através das relações de gênero, mas sim uma espécie de construção de masculinidade que dá uma forma muito particular de poder ao homem⁸ através da virilidade. Machado (2004) ainda cita que, para “não ser bundão”, muitos homens, especialmente jovens, utilizam uma espécie de poder sobre a vontade da mulher e uma indiferença quanto a elas, portanto, qualquer comportamento entre os homens, associado a igualdade ou inferioridade em relação às mulheres, é considerado menos “masculino”.

Connell e Messerschmidt (2013) denotam que, com a incorporação dessa forma de ser homem, esses corpos masculinos são tanto objetos da prática social como agentes da prática social, se apropriando assim desses signos de poder e os manifestando de diversas formas, principalmente para se reafirmarem socialmente como homens. Por conseguinte, Connell e Messerschmidt (2013, p. 257) afirmam:

Os homens podem se esquivar dentre múltiplos significados de acordo com suas necessidades interacionais. Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas.

Dito isso percebemos que, de uma maneira muito singular, esses homens em diversos momentos reafirmam impressões sobre masculinidades através dos seus discursos, pela linguagem e pelos símbolos utilizados por eles. Para exemplificar a análise, trazemos a seguir algumas falas que foram extraídas de respostas obtidas para segunda pergunta realizada no grupo focal e nas entrevistas, “Quais as vantagens e desafios em ser homem?”:

“O homem mesmo que esteja errado, tem a vantagem no esporte, trabalho etc.”.

“As vantagens é que consigo o que eu quero por exemplo da minha forma bruta e não sou julgado. Desafio é se não seguir um padrão já acham que você é um homossexual, tem que tirar brincadeiras de homem e tal”.

“[...] desafio talvez assim o papel do homem da casa, responsável”.

“Acho que o desafio é as barreiras comportamentais, como agir sensível e por aí vai”.

8. Bourdieu (2012) em “A dominação masculina” mostra como essa força é dada ao homem. Ele a retrata como uma força simbólica, uma forma de poder que se exerce sobre os corpos de maneira direta, tendo um peso diferente para os corpos dos homens e mulheres, no qual o homem ganha o papel de “dominador” dessa força através da cultura.

Essas respostas ilustram praticamente todos os retornos que obtivemos sobre o tema. Dessa forma observamos que esses homens têm ciência de que possuem vantagens nas relações sociais advindas pelo fato de serem homens, e que essas vantagens aparecem quando eles seguem um modelo, aquele que lhes foi ensinado. Ou seja, para os participantes da pesquisa, não há vantagens – ou são muito poucas – em seguir outro modelo de masculinidade que não seja o hegemônico.

Assim, essas novas formas de masculinidades que são constantemente construídas funcionam como um pêndulo para esses homens lidarem “com suas alianças, com seus dispositivos de formação de grupos e suas relações” (Ambra, 2017, p. 239) de forma vantajosa a eles.

Nesse momento da discussão e baseado no texto referência de Moore, “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência” a autora afirma que “ninguém pode jamais estar plenamente consciente das condições de sua própria construção” (2000, p. 20). Dessa forma, o sujeito, na visão pós-estruturalista defendida por Moore, na qual nos embasamos, é composto por subjetividades múltiplas e contraditórias. O que respalda ainda mais a ideia de que essas masculinidades funcionam como um pêndulo, o que não descarta o pensamento de Ambra (2017), visto que esses homens atuam dessa forma sem mesmo se dar conta. Para elucidar melhor esse pensamento apresentamos a passagem a seguir:

[...] indivíduos assumem certas posições de sujeito por causa do modo em que essas posições dão prazer, satisfação ou retribuição ao nível individual ou pessoal, devemos também reconhecer que essas satisfações individuais têm poder e significado apenas no contexto de vários discursos e práticas institucionalizados, isto é, no contexto de certos modos sancionados de subjetividade. [...] assumir uma posição ou uma variedade de posições em discursos concorrentes não diz respeito apenas à construção da autoidentidade e da subjetividade. [...] *Ademais, há a questão do poder institucional dos discursos hegemônicos ou dominantes, onde há muitos benefícios a serem ganhos da construção do eu como tipo particular de pessoa, interagindo com os outros de maneiras específicas.* É importante reconhecer que o investimento é uma questão não apenas de satisfação emocional, mas de benefícios materiais sociais e econômicos muito reais que são a retribuição do homem respeitável [...]. É por essa razão que modos de subjetividade e questões de identidade estão ligadas a questões de poder, e aos benefícios materiais que podem ser uma consequência do exercício desse poder (Moore, 2000, p. 37, grifos nossos).

Com isso, a “continuidade histórica do sujeito, onde posições passadas de sujeito tendem a determinar posições presentes de sujeito” (Moore, 2000, p. 23) da força na construção dos modelos de masculinidades de cada um, que passam a ser não somente

individual, mas também coletivo. Assim, essas formas de identificações coletivas acabam marcando as diferenças de gênero que corporificam diferentes princípios de agenda, segundo a autora.

2 O peso do gênero

O gênero⁹ afeta e é afetado por todas as estruturas sociais. Um dos fatos que nos chamou bastante atenção foi que os homens que participaram da pesquisa conseguem visualizar uma desigualdade de gênero em várias esferas sociais. Eles citam essas desigualdades entre homens e mulheres no mundo do trabalho, por exemplo, mas enfatizam principalmente os julgamentos morais atribuídos às mulheres quando elas não seguem as normas sociais impressas em nossa cultura.

A seguir, foi destacado um trecho da fala de um dos entrevistados no grupo focal, onde o jovem relata a diferença de tratamento dada a ele, um colega, e uma outra colega mulher, diante de uma “difamação”, segundo eles.

“[...] eu mais meu companheiro aqui (aponta para o jovem sentado ao lado), mais uns companheiros do curso, passamos por um processo de difamação, e eu consigo perceber em relação a isso o quão o peso é diferente pra gente como homem e pra companheira que tá passando pela mesma difamação, então acho que assim, esse julgamento da sociedade ele não bate tão de frente assim pelo nosso gênero, quanto pra uma mulher ela tá bem mais sujeita a sofrer essas porradas da sociedade”.

Relacionamos essa fala dos interlocutores da pesquisa com as narrativas apresentadas por Santos (2008) onde o autor expõe que as mulheres sofrem um julgamento moral maior que os homens, indicando que mesmo as mulheres estando em posições que exerçam autoridade e recebam prestígio elas obtêm menos recompensas pelos seus feitos que os homens, entretanto se algo não ocorrer como o desejado ainda são bem mais cobradas. A partir das falas de nossos interlocutores, podemos indicar que eles compreendem que há uma desigualdade de gênero, porém continuam realizando ações que mantêm essa desigualdade, como indicamos nas falas a seguir:

“[...] tem que tirar brincadeiras de homem, às vezes eu tiro eu sei, mas não é legal né parando pra pensar”.

“Nós homens somos machistas e não ligamos muito pra brincadeiras que geramos um com o outro”.

9. O conceito utilizado aqui é o pós-estruturalista defendido por Scott (2017), na qual a autora o reconhece como uma categoria ampla de análise e mostra que é baseado nas diferenças sociais entre os sexos. De modo geral, diferenças essas pautadas pela linguagem e pelo poder.

Para testar essas hipóteses, durante a aplicação do questionário on-line, buscamos observar se os homens realmente viam essa desigualdade nas relações de gênero, pois, a priori, pareceu incoerente que eles percebam e continuem praticando ações que a favorecem/mantêm. Para isso perguntamos: “Nas imagens a seguir a mulher é retratada diferente de como a sociedade retrata o homem?”. Nas figuras desta seção buscamos captar, entre os homens que responderam ao questionário, se eles concordavam que a mulher recebe maior julgamento da sociedade, como relataram os homens entrevistados pelo grupo focal. As respostas confirmam que estes homens percebem a desigualdade nas relações de gênero, entretanto continuam a ignorá-la, produzindo comportamentos que a mantêm, uma vez que, como visto anteriormente, para ser homem eles têm que seguir o padrão que lhes foi transmitido.

Em uma das figuras, há uma repórter realizando uma matéria jornalística e sendo assediada pelo homem ao lado, ao redor da cena, há recortes de alguns comentários em rede sociais sobre o ocorrido, como: “não vi nada demais”, “uma muié no meio de 100 homens kkkkk futebol é coisa de homem” e “vocês estão no lugar errado”. Nesta imagem 82,5% dos homens responderam que sim, a mulher é retratada diferente de como a sociedade retrata o homem.

Em outra imagem, usamos fotos de um protesto que ocorreu durante o governo da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff, no qual as fotos mostram adesivos no tanque de gasolina dos carros, que, quando abastecidos, passam a ideia de que a bomba de gasolina está a penetrando, numa forma explícita de alusão a violência sexual que seria “castigar” a presidente, mulher, pelo preço alto dos combustíveis. Tais imagens foram muito utilizadas no ano de 2015, banalizando e naturalizando violências sofridas por mulheres, neste caso a violência sexual. Nesta imagem 82,5% dos homens responderam que sim, que a mulher é retratada diferente de como a sociedade retrata o homem.

3 Convivência e reprodução da violência

Os dados obtidos nos permitiram perceber claramente três pontos sobre a relação entre os homens participantes da pesquisa e as formas de reprodução da violência nas relações de gênero: 1) a convivência com a violência¹⁰; 2) as maneiras no qual eles reagem em situações conflituosas; 3) se esses homens conseguem identificar seus atos violentos, discussão que abordaremos mais adiante no texto.

10. Observo que a violência é um fenômeno que nos permeia e que ela é baseada, grosso modo, em uma forma de resolver conflitos, fazendo assim a constituição de relações sociais, e por mais que essas relações causem dor e sofrimento a determinados indivíduos e grupos, elas existem, então me propus a analisar aqui como essas relações são constituídas através dessa violência, que já permeia nossa sociedade. Com isso me baseei principalmente em autores que retratam a violência sendo constituidora de relações sociais, como Gregori, Grossi, Soares e Wiggers.

Wiggers (2000) apresenta como diferentes sujeitos percebem a violência, mostrando que cada grupo social estabelece suas regras morais e um limite de tolerância para agressões. Posto isto, para muitos a violência vai ser vista de maneira diferente de como é pautada, ao que a autora chama de discurso oficial sobre a violência que “considera violência toda e qualquer atitude agressiva, seja ela física ou psicológica, perpetrada por um agente agressor mais forte física ou hierarquicamente” (Wiggers, 2000, p. 91).

Nos grupos populares estudados por Wiggers, o que o discurso oficial chama de violência não é considerado como tal para essa população, exceto quando excede os limites de tolerância impostos por eles, mas a discussão aqui não é essa. Com isso a autora mostra que o corpo violado ultrapassa o limite da individualidade, e se torna social fazendo parte não somente do sujeito, mas de todos que fazem parte da relação de parentesco ou vizinhança ali posta. Um exemplo disso é a agressão de pais contra filhos como forma de educar, em busca de manter funcional aquela relação, algo que dentro desse grupo é visto como aceitável. Assim, Wiggers salienta que essas relações de parentesco, além da consanguinidade, se entrelaçam com a conjugalidade, funcionando assim, sem grande rigor, como uma lógica de “manter a relações”, visto que se essa “lógica” ultrapassar o limite imposto, são acionados outros mecanismos que mudam o desfecho do conflito.

O primeiro ponto que gostaríamos de salientar é de que todos os homens entrevistados presenciaram ao menos um caso de violência contra mulheres em sua vida, muitos deles de forma bem íntima, geralmente entre seus pais. Esses relatos de violência contra mulheres eram, sobretudo, em família.

No grupo focal e nas entrevistas, a última pergunta realizada era “Você já vivenciou algum caso de violência contra mulher?”. Alguns dos homens entrevistados inicialmente relataram que nunca tinham vivenciado casos de violência contra mulher, entretanto, durante a aplicação do questionário com as imagens¹¹, eles comentavam sobre as imagens e acabavam revelando que na verdade já tinham vivenciado alguma violência.

Eles evitavam falar das violências contra mulher que presenciaram quando crianças. Mas todos, em algum momento da entrevista, disseram ter vivenciado ou presenciado situações em que mulheres de sua família sofreram violência. A seguir, algumas falas dos entrevistados que representam isso:

“A primeira vez eu tinha uns três ou quatro anos, meu pai bateu na minha mãe tão forte que ela ficou com o rosto roxo por duas semanas... em outro caso ela quebrou nele um abajur pra se defender”.

11. Ao final de cada entrevista com os homens, foram apresentados os questionários com as imagens através do celular, para que eles respondessem. Antes de liberar o questionário aos homens na plataforma on-line, o mesmo padrão foi realizado com todos os entrevistados, como método de teste do próprio questionário.

Nessa primeira fala percebemos que uma das prováveis primeiras lembranças do entrevistado é uma situação de violência conjugal entre seus pais, o entrevistado retratou durante nossa conversa que seus pais brigavam constantemente e isso era causado principalmente por ciúmes de ambos. Interessante notar nesse caso que podemos perceber o que retrata Soares (2011) em *A 'conflitualidade' conjugal e o paradigma da violência contra a mulher*, ao falar que em situações conjugais e afetivas a violência ocorre muitas vezes de forma subjetiva pela busca de poder, seja no controle do parceiro, por ciúmes, obsessão etc. Seguem outras duas falas:

“Presenciei meu tio batendo na minha irmã de uma forma totalmente fora do que seria visto como algo pra criança. Meu avô espancava minha avó. Minha mãe está até hoje em um relacionamento com um homem que toda a família sabe que agride ela”.

“Meus pais já passaram por fases bem violentas, gritaria, humilhação e até porrada”.

Nesses trechos fica mais nítido que a construção desses homens, e suas percepções sobre masculinidades, ocorreu em ambientes permeados por violência. Retomando o pensamento de Wiggers (2000), durante todos esses relatos experienciados em suas famílias, os jovens viam a violência pela ótica do discurso oficial, repudiando o ato violento, apesar de muitas vezes incorporá-lo como uma forma de resolução de conflitos.

Na análise das entrevistas, conseguimos identificar uma tendência entre os participantes em rejeitar o modelo hegemônico de masculinidade. Esta escolha é frequentemente justificada pelo sofrimento pessoal experimentado por eles, que é percebido como um subproduto direto das expectativas de comportamento masculino. No entanto, paradoxalmente, há momentos em que a adesão a este mesmo modelo se faz necessária para a afirmação de sua identidade como homens dentro de um contexto social. Tal impasse é exacerbado pelo reconhecimento de que discordar deste modelo convencional pode acarretar desvantagens sociais. Conforme relatado pelos entrevistados anteriormente, quando avaliadas, talvez essas desvantagens parecem superar os benefícios de uma rejeição completa do modelo de masculinidade hegemônica.

O segundo ponto trata do momento em que eles relatam as violências que manifestam, e aqui observou-se como elas estão sempre relacionadas a um conflito, que pode advir de qualquer origem¹². Notamos também que a partir de algum tipo de conflito vivenciado por esses homens eles buscam a violência primeiramente para resolvê-lo, talvez isso se dê pelo fato desses homens, crescerem com um modelo a seguir, que os dá poder. Nesse momento gostaríamos de ampliar o olhar sobre violência, não apenas para violência contra mulheres, mas em todas as formas de violência, e a nosso ver talvez isso

12. O conflito, como relata Wiggers (2000) abrange toda uma situação vivenciada, já a violência e/ou a negociação podem surgir como condições capazes de encerrar esse conflito.

seja uma das explicações de que homens cometem mais atos violentos que as mulheres. Para exemplificar nosso segundo ponto, elenco as falas a seguir:

“Se eu pudesse eu matava ele na porrada, mas eu não matei porque quando eu vi que eu ia fazer a mesma coisa que ele, mas eu só queria acabar de maneira boa ou ruim”.

Nesse trecho da entrevista o homem se referia ao pai que agredia a mãe fisicamente. E em sua fala podemos notar que, sem ao menos pensar em uma negociação, ele automaticamente buscou a violência como forma para resolver o conflito em questão, entretanto não concretizou o ato de violência.

“Meu pai batia na minha mãe, uma vez já até puxei a faca pra ele sabe, era sempre assim se traíam e brigavam”.

“Me deu um puta de um mal-estar na hora, deu um sentimento de ódio e de impotência principalmente porque minha maior vontade era de guisar aquele filho da puta na porrada, essa é a verdade”.

“A gente não sabe ouvir não já levei fora e mesmo assim pressionei”.

A primeira fala acima, retrata um dos episódios vividos pelo jovem, na qual ele mostra que manifestou um ato violento para resolver o conflito em questão. A segunda fala retrata um episódio no qual uma colega de turma do homem entrevistado sofreu violência física de seu pai e a maneira que ele encontrou de tentar solucionar aquele conflito foi buscando primeiramente a violência. A última fala retrata que em pequenos conflitos esses homens buscam uma forma de violência para resolver o conflito posto, de uma forma a pressionar a mulher, não a identificando como sujeito legítimo de sua vontade, e como constantemente naturalizado, o homem sendo o possuidor do desejo e do domínio sobre o corpo da mulher.

A partir dessas falas, observamos que grande parte dos entrevistados tem um primeiro impulso de agir com violência, mas muitas vezes eles não cedem a esse impulso. O interessante é notar como esses jovens frisam esse impulso, mas além de pensar, eles compartilham isso, não só durante as entrevistas, mas com outros homens, como ocorreu no grupo focal, e em conversas que tivemos com os entrevistados após as perguntas estabelecidas para a entrevista. Isso deixa explícito que esses homens reproduzem a violência principalmente em suas falas¹³, de modo a normatizarem esse fenômeno.

Esse argumento fica mais claro em uma conversa com um dos homens que entrevistei onde ele trouxe em uma experiência própria acerca de BDSM (bondage, disci-

13. Como bem pontua Ferreira e Motta (2014) em uma análise de Lacan. O modo como um significante é posto por um determinado sujeito fabrica um discurso, e esse discurso produz uma significação aos outros. Que é propagada por homens e mulheres de formas diferentes, uma vez que homens e mulheres são sujeitos inscritos na dimensão do símbolo, onde a lei e a linguagem se encontram articuladas. Postas assim articuladas com o conceito de gênero de Scott (1986).

plina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo). Ele relatou que gostava de práticas de dominação e citou¹⁴ uma antiga “mina” que ele “pegou”, também “curtia” então eles realizavam essas práticas onde ele dominava a parceira e caso ela não cooperasse ela “apanhava”, mas como ele mesmo enfatizou ela “curtia”. Em seguida foi perguntado por Rebouças se eles ainda se relacionavam e ele me disse que não, já que em determinado dia após um ato no qual ele citou ter “metido a porrada nela”, ela nunca mais respondeu suas mensagens.

Finalizou falando que teve medo de ser denunciado, mas não pensou nisso, afinal, “ela curtia”¹⁵. Interessante notar que talvez o conflito em questão nesse caso surge da ausência de consentimento da parceira e quando o homem se viu em tal conflito, acionou automaticamente a violência como solução para mantê-la quieta.

A passagem ao ato violento se dá em contexto, em lugar e momento específicos, no vácuo de outras possibilidades de comunicação. Seja pela recusa a deixar a outra pessoa existir plenamente como alteridade, seja na impossibilidade de colocar-se em seu lugar, ou na incapacidade de aceitar e reconhecer o outro como interlocutor legítimo e autônomo. Não importa se o impedimento reside no plano das ideias, dos afetos ou na interação dos dois domínios. A violência se processa na ordem do diálogo, mais precisamente, do diálogo inviabilizado (Soares, 2011, p. 206).

Nessa citação de Soares, nota-se que a autora relata que o ato violento pode ocorrer de diversas maneiras, entretanto de forma geral ele ocorre como uma busca de inviabilizar o diálogo do outro de maneira anulatória. O que podemos representar não só pela linguagem e outros símbolos, mas também por agressões físicas e ruptura das tolerâncias admitidas em cada grupo no qual o conflito ocorre. Observamos nesse ponto que os atos e pensamentos violentos relatados pelos homens participantes seguem sempre esse padrão. E a partir dessa observação, buscamos analisar o último ponto que parecia aberto, se esses homens conseguem identificar seus atos violentos, já que eles identificam atos violentos de terceiros, como pode-se ver durante a trajetória da pesquisa¹⁶.

14. Utilizamos entre aspas as palavras do entrevistado.

15. Para essa discussão visualizar Gregori (2014) que relaciona práticas eróticas e sexuais a normas de gênero e os limites da sexualidade, mostrando uma zona de fronteira entre consentimento e abuso, violência, prazer e dor.

16. Diversas vezes, nas falas dos jovens, eles condenavam diversas manifestações de violência, sobretudo as vivenciadas por eles, como mostrado anteriormente. Entretanto ativavam a violência como recurso, e caso não a utilizasse, a reproduzia em seu discurso.

4 Minha violência vs. A violência do outro

Para iniciar essa discussão, trazemos as noções de cuidado e automatismo construídas por Lima (2018) em sua dissertação com base no Grupo de Autores, um atendimento psicossocial para pessoas acusadas de violência sexual em Manaus, onde realizou pesquisa. Lima (2018) conceitua Cuidado como sendo uma categoria que é construída em oposição a outra categoria, o Automatismo. Dessa forma o Cuidado seria, de modo geral, uma maneira de construir novas formas de significar a vida social, produzido reflexivamente, surgindo a partir de um evento trágico e se estabelecendo por relação. Então o Automatismo, que é a oposição, se caracteriza por uma lógica ou pensamento não reflexivo, como uma forma de reprodução das desigualdades nas relações de gênero, e se estabelecendo por dominação – de homens sobre mulheres e crianças. Assim, ao tratarmos de “automatismo” aqui, estamos nos referindo a este conceito, elaborado por Lima.

Aqui, utilizamos essas noções para interpretar como os homens agem muitas vezes no automático sem fazer um pensamento reflexivo anterior à agressão, ou capaz de “frear” a agressão. Os homens entrevistados nesta pesquisa só parecem fazer esse pensamento reflexivo e buscar uma negociação através de novas formas de significar a vida social, somente em comentários sobre a violência do outro, operando com base no discurso oficial da violência (Adorno, 1995). Quando os conflitos são postos em suas relações, eles parecem reagir através do “automatismo”. Uma vez que, como diversos entrevistados mostram, ao serem postos diante de um conflito, a primeira reação é sempre a automática, e esse automatismo é resultado do que eles aprenderam, a resolução de conflitos com uso da violência.

No trabalho de Lima (2018), fica claro que os homens autores das violências de gênero só buscam o “cuidado” depois dos processos de intervenção psicossocial no grupo reflexivo. Interessante notar aqui que, nesta pesquisa, os homens acionam o automatismo a partir do momento que respondem ao questionário com imagens, talvez por esse motivo o questionário se mostrou eficaz para acessar os “automatismos” em torno do que pensam sobre “ser homem” e violência.

Diante da pergunta, “Nas imagens a seguir a agressividade ou violência pode ser uma forma para a resolução dos conflitos?”, obtivemos a resposta “não” em todas as imagens. Para exemplificar, em duas imagens trouxemos conflitos entre a população e polícia, onde houve mais de 78,8% com a resposta “não” em ambas as imagens. Dessa forma o que até então parecia incoerente no comportamento dos homens entrevistados nos parece agora fazer sentido, já que eles se opõem a violência e buscam formas pacíficas de fazer negociações em conflitos. Fica claro que existe um descompasso entre entender e responsabilizar-se por seus próprios atos violentos, apesar de conseguirem facilmente perceber o ato violento do outro nas respostas obtidas no questionário com as imagens on-line.

Nos dados da pesquisa apresentada aqui, o automatismo aparece principalmente em dois momentos: 1) quando se trata de uma violência do outro, como já demonstrado anteriormente; 2) quando o conflito em questão não mexe com o papel social que o homem acredita que deve desempenhar. Isso pode incluir situações onde a honra, a força ou a autoridade, tradicionalmente associadas aos homens, não estão sendo questionadas ou colocadas à prova.

Assim, percebemos que, apesar buscarmos o pensamento reflexivo em alguma medida, ele não é o mesmo visto no “Grupo de Autores” estudado por Lima (2018), já que para acionar o cuidado seria necessário um pensamento reflexivo contínuo e profundo, advindo de um processo psicossocial capaz de ressignificar as masculinidades produzidas culturalmente. Logo, nos propomos a criar uma categoria para utilizar aqui, que ainda precisa ser mais bem discutida e analisada, mas que nos parece oportuna para representar esse momento de crise, a suas contradições, em torno de agir violentamente e refletir sobre a intenção de violência. Aqui, chamaremos esse momento intersticial de “freio”, uma categoria que se elabora entre o automatismo e o cuidado. O “freio” vai além da ordem do discurso, visto que esses homens também deixam de cometer atos violentos de efeito anulador de relações, como discutido por Soares (2011) e Wiggers (2000). Pela descrição dos casos, esses homens “freiam” o “automatismo”, e esse “freio” aparece principalmente na comparação com outro homem que age de forma considerada violenta por eles.

Durante as entrevistas, as conversas sobre “como agir/reagir” diante de comentários ou cenas de violência de gênero, o “freio” surgia nas falas dos participantes da pesquisa, atuando para modificar uma opinião inicial (como se tivesse sido dada a partir de um “automatismo”). Dando-se conta do que haviam comentado – uma fala considerada machista, misógina, violenta, ou percebida como muito próxima do padrão de comportamento visto em outro homem de suas relações íntimas e considerados “maus exemplos” –, os entrevistados pareciam “frear” bruscamente essas formas de expressão de masculinidade, para elaborar novas ideias – geralmente críticas – sobre as ações/reações ideais em contextos de violência de gênero.

Dessa maneira observamos que o discurso oficial da violência gerado culturalmente, assim como a masculinidade hegemônica, da força as modalidades pendulares das masculinidades entre esses jovens. É notório que a população de homens estudada pertence a um contexto no qual estão rodeados de informações, a universidade. Podemos exemplificar essas informações com a criminalização das violências de gênero – Lei Maria da Penha e Feminicídio – na mídia, os debates e aulas sobre gênero na área acadêmica, e assim por diante. Com isso vale ressaltar também que os homens desse grupo social tendem a usar esse freio de forma mais incisiva que homens de grupos

populares, por exemplo, que não têm acesso a contrainformação da masculinidade hegemônica. O problema é que esse freio geralmente não funciona quando estão com outros homens, e em uma zona de identificação comum, acabam agindo no automatismo propagando simbolicamente a violência.

Considerações finais

Os jovens manauaras graduandos possuem algumas características em comum, que foram construídas a partir de suas trajetórias de vida até a universidade e, por mais heterogêneos que possam ser, eles cresceram imersos em uma cultura que parece estabelecer um mesmo padrão hegemônico de masculinidade. Entretanto, suas trajetórias também produziram contradições e sentimentos de oposição a esse modelo de masculinidade, a partir de suas experiências em ambientes onde a violência de gênero se fez presente, tendo como principais ativadores dessas violências os homens de suas famílias, que também seguiam esses modelos ideais de masculinidade.

Essa contradição entre seguir o modelo hegemônico, e rejeitá-lo – por terem em alguma medida, sido afetados pelas violências que esse modelo produz –, gera uma crise em torno de seguir esse padrão, produzindo, pelo menos discursivamente, o desejo de fazer diferente em suas vidas. Para representar os movimentos oscilantes entre ser/fazer/pensar sobre masculinidades entre os entrevistados desta pesquisa, elaboramos a ideia de “pendulação” em torno das masculinidades, que demonstra como é possível circular entre pontos discursivos – e também práticos – contraditórios.

Observamos que nossos interlocutores compreendem bem as noções de gênero e de violência contra mulheres, sendo capazes de explicar o que são essas violências e desigualdades, apontando com exemplos das suas experiências de vida, os modos de como essas violações ocorrem. Também são críticos diante de casos ou representações simbólicas de violência de gênero, demonstrando insatisfação sobre tais contextos. No entanto, em suas relações sociais, demonstram menor habilidade para lidar com conflitos com as mulheres, ou agir com equidade nas relações de gênero, ainda que depois consigam apontar que fizeram algo “errado”, ou que se seguraram para não agir com violência em um contexto de conflito.

Para explicar essas contradições entre pensar/dizer e agir, utilizamos as categorias de “automatismo” (Lima, 2018) e “freio”, que nos ajudam a demonstrar as sutilezas do processo permeado de contradições que constitui a masculinidade e suas crises – como vem sendo apontadas por diferentes autores desde as primeiras formulações do conceito (Connell, 1995).

Essas reflexões, sem essencializar os eixos de homem-agressor e mulher-vítima, buscam colaborar com as interpretações sobre masculinidades e violência de gênero, apontando algumas das tentativas que os homens têm elaborado para si, contra os modelos sociais transmitidos pela cultura e nas relações familiares. Permeadas de fracassos, as tentativas individuais de mudança das formas de ser homem vão demonstrando que as alternativas precisam ser coletivas, atuando na cultura, nas relações de intimidade e na educação, além de indicar a necessidade de mais espaços onde os homens possam exercer diálogo e cuidado mútuo.

Referências

ADORNO, Sérgio. A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. **Revista Sociedade e Estado**, v. 10, n. 02/jul-dez, 1995.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 161-189, 1996.

AMBRA, P. O gênero entre a lei e a norma. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 91, p. 229-245, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena. Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARDOSO, Luiz Fernando. **Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 251. 1994.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v.2, n. 20, p. 185-206, 1995.

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 165-185, 2008.

FERREIRA, Nádia P; MOTTA, Marcus A. **Histeria – O Caso Dora** (Passo-A-Passo Psicanálise - 96). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2014.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Anped, jan./fev./mar./abr., n. 10, p. 58-78, 1999.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GREGORI, Maria Filomena. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 47-74, 2014.

GROSSI, Miriam Pilar. **Gênero, violência e sofrimento**. 2. ed. Florianópolis: UFSC/PPAS, 1998.

GUTMANN, Matthew C. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 10, 1999.

LIMA, Natã S. **Entre mundos de sentido: violência sexual, família e parentesco a partir do grupo de autores em Manaus/AM**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, p. 119. 2018.

MACHADO, L. Z. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, M. R. (Org.). **As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis**. São Paulo/Santa Cruz do Sul: Boitempo/EDUNISC, 2004.

MELO, Daisy. UFAM registra quase 150 denúncias de assédio nos últimos cinco anos. **Boletim ADUA**, Manaus, n. 07, mar. 2019. Disponível em: https://adua.org.br/controlsites/boletim/img/20190325163840Boletim_n007.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

MOORE, H. L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 134-4, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. Classe social e desigualdade de gênero no Brasil. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 353-402, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017.

SOARES, B. M. A ‘conflitualidade’ conjugal e o paradigma da violência contra a mulher. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 391-210, 2012.

URRA, Flávio. Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência. *In: BLAY, Eva A. (Org.). **Feminismos e masculinidades**: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher.* São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014. p. 117-138.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. *In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História da Virilidade** Vol. 3.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 82-115.

WIGGERS, Raquel. **Família em conflito**: violência, espaço doméstico e categorias de parentesco em grupos populares de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 116. 2000.